

Defesa do consumidor

Portugal é um país de pequenos feitos. Temos de perder muitas vezes e ganhar só de vez em quando. É a nossa natureza

Estava para começar assim: “O Deco não é estrangeiro, é povo-irmão. Mas o que seria da portugalidade se, após dois séculos de gradual demolição do Império, voltássemos a sugar o que de melhor têm os nossos irmãos?” Enfim, era uma indignação politicamente correcta. Mas, depois, o texto arriscava um bocadinho: “O meu melhor amigo é brasileiro. Só que, como ele é do Internacional, eu digo-me do Grémio. E, como eu sou do Sporting, ele diz-se do FC Porto. Ou seja, ele é do Brasil e eu de Portugal – e por isso, quando há bola, somos um contra o outro. Ora, que sentido faria agora o futebol entre nós se, por um momento, estivéssemos ambos do mesmo lado, metêssemos os pés pelas mãos, misturássemos as prioridades e ficássemos sem saber muito bem onde meter o quê?” No fim, passava-me de vez: “Muitas amizades acabaram assim. E outros tantos romances começaram nesse exacto instante. Credo!”

A verdade é que eu me julgo um manipulador da palavra, um paladino da prosa, um poeta das ideias – mas, na verdade, não passo de um pobre utilizador de fórmulas batidas. Portanto, este texto vai sem fórmula.

O que eu quero dizer é que não gostava de ver o Deco a jogar na selecção nacional. Importa-me lá saber se o Di Stephano era argentino e não espanhol, se o Luís Oliveira é brasileiro e não belga, o Olisadebe nigeriano e não polaco... Ter o Deco a ganhar o Europeu para Portugal é como naturalizar o Eros Ramazotti para nos dar o Festival da Eurovisão ou o Pedro Almodôvar para nos trazer um Óscar. Sim, a Suíça já ganhou a Eurovisão com a Céline Dion. Sim, muitos realizadores estrangeiros já deram Óscares aos Estados Unidos. Mas a verdade é que a Céline só foi suíça por um dia – hoje é canadiana e ninguém se lembra de “Ne Partez Pas Sans Moi”. E a essência dos americanos é a do “melting pot”: ele próprio, como também se vê naquela selecção de Ramos, Meolas e Souza. Não há 900 anos de história por trás.

Ao contrário, Portugal é um país de pequenos feitos. Temos de perder muitas vezes e ganhar só de vez em quando. É a nossa natureza: o elogio do terceiro lugar, o orgulho do “uma vez”, a alegria do “quase”.

Aliás, se Deco tivesse dito: “Dá-me jeito ser português”, eu ainda podia responder: “Às vezes também me dava jeito ser americano, meu amigo.” Mas o que ele disse primeiro foi: “Dá-me jeito ser comunitário”, e eu nem sequer posso dizer: “Às vezes dava-me jeito ser da Nafta”. Era ridículo.

Para além de tudo, que raio é essa história de o Deco ser “formado em Portugal”? Mas ele sabe cantar o hino nacional? Ele aprendeu a ler com os textos da Alice Vieira e da Sophia? Não.

Ele nem sequer sabe quem é o Adamastor ou o Velho do Restelo. Ele nem sequer diz “descoberta” – diz “achamento”.

Está bem, tudo isto é demagogia, patriotismo bacoco e anacrónico, emoção pura. Mas, se querem razão, então recorde-vos que Deco nunca chegou a Junho – e que todas as grandes competições internacionais acontecem em Junho, quando Deco tem um saco de gelo em cima do tornozelo direito.

No mais, Deco não pode jogar na selecção nacional porque é do FC Porto. Ainda se fosse o Jardel. O Niculae. Mesmo o Toñito ou o Kutuzov... Mas o Deco?!... Não vá tão longe o socratismo.

Para mim, Deco só há um: é a Defesa do Consumidor – e já são Decos a mais para o trabalho que fazem. Mandem o rapaz para Espanha, que fazem dele internacional em três semanas. E depois ele que marque dois golos a Portugal – nós cá estaremos para festejar em triunfo o momento em que o Pauleta reduzir para 2-1.

Joel Neto